

O ser humano objetificado em Robinson Crusóé¹

The objectified human being in Robinson Crusoe

Rovana Chaves*¹

Luis Francisco Fianco Dias**¹

Palavras-chave:

Sexta-Feira;
Objetificação;
Literatura pós-colonial;
Robinson Crusóé.

Resumo: O texto tem como objeto de reflexão a obra Robinson Crusóé (1719), do escritor Daniel Defoe, sob o prisma pós-colonial – teoria que estuda dentro da ficção literária os resultados da colonização sobre os sujeitos colonizados. Aqui, o ponto base é a objetificação de Sexta-Feira – rebaixado pelos termos depreciativos usados por Robinson Crusóé. Logo, observa-se que Sexta-Feira foi colocado numa posição de inferioridade por Crusóé, talvez por ser indígena, andar nu, não ter domínio do idioma europeu e também não pertencer à uma cultura hegemônica – aos olhos do europeu –, além de não ser cristão. Vê-se que na figura colonial representada em Sexta-Feira, também existem crenças e valores que são ignorados pelo colonizador – na figura de Crusóé.

Keywords:

Friday;
Objetctification;
Postcolonial Literature;
Robinson Crusoe.

Abstract: *The text has as its object of reflection the work Robinson Crusóé (1719), by the writer Daniel Defoe, under the post-colonial prism - theory that studies within literary fiction the results of colonization on colonized subjects. Here, the base point is the objectification of Friday – demoted by the derogatory terms used by Robinson Crusoe. Therefore, it is observed that Friday was placed in a position of inferiority by Crusoe, perhaps because he was indian, walked naked, did not master the European language and also had no culture, besides not being a Christian. It can be seen that in the colonial figure represented in Friday, there are also beliefs and values that are ignored by the colonizer – in the figure of Crusoe.*

¹ Recebido em 10/02/2023. Aceito em 29/06/2023.

*¹ Mestrado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: rovana.c@gmail.com.

**¹ Mestrado em Filosofia pela Unisinos. E-mail: fcofianco@upf.br.

Introdução

Na década de 1970, raia a teoria literária pós-colonial. Ela almeja estudar obras literárias escritas durante e depois da colonização. Há que se pensar, em tal contexto, na afirmativa do distinto estudioso da China moderna, Arif Dirlik (1994), que o pós-colonial é um discurso pós-estruturalista e pós-fundacionista, desenvolvido principalmente por intelectuais deslocados do Terceiro Mundo que se beneficiam das prestigiadas universidades americanas da “Ivy League” e utilizam a linguagem da moda da “virada” linguística e cultural para “reformular” o marxismo, devolvendo-o “a outra linguagem do Primeiro Mundo com pretensões epistemológicas universalistas. Assim, a teoria literária pós-colonial aborda, em tais narrativas, os resultados suscitados pela colonização, como as maneiras adotadas pelos colonizadores para cativar os colonizados, as consequências no público colonizado ao se perceberem como propriedade de outras pessoas, a devastação dos povos nativos, a desconsideração da cultura local e a determinação de um novo idioma.

Entre os fatores examinados pela teoria literária pós-colonial, existe a objetificação, que se relaciona à discriminação do ser colonizado em detrimento do colonizador. Tal discriminação acontece, principalmente, pela menção a aspectos inerentes ao colonizado que são vistos negativamente pelo colonizador, como por exemplo, raça, religião, cultura, idioma. Essas “assimetrias” entre ambos, gradativamente, torna-se ampla por intermédio de uma fala bonita, já que é o colonizador que cria o distanciamento entre o mundo de cada um. Por ser branco, o colonizador se considera superior, desde a presença na sociedade até o idioma que se usa.

Sob esse prisma, o presente texto busca averiguar na narrativa *Robinson Crusóé*, o caminho de colonização ao qual o nativo Sexta-Feira foi subjugado, bem como as opções que Robinson usa para objetificar Sexta-Feira. Mesmo que a obra não institua, particularmente, o desenvolvimento da colonização, é perceptível que Crusóé é a representação europeia que toma posse de um território (a ilha) e impõe ao novo morador, Sexta-Feira, seu modo de viver, negligenciando a Sexta-Feira um lugar de fala em sua própria terra - já que ele é o nativo.

O presente estudo adotou a vertente bibliográfica e qualitativa, pela abordagem de autores como Bonnici (2003 e 2005), Ashcroft (2000), Bhabha (1998), Munanga (1998), Todorov (1999) entre outros. A teoria da objetificação será debatida, bem como excertos da obra serão usados para ilustrar quais as maneiras de objetificação foram adotadas por Crusóé com relação a Sexta-Feira.

Literatura Pós-colonial

A teoria pós-colonial é o manifesto referente à liberdade cultural e também ideológica de todas as pessoas até então sem espaço de fala, que não concordam com o que lhes é imposto por quem, aparentemente, tem mais poder e influência social. Tal abertura ocorre entre os anos de 1960 e 1970, momento em que as nações

independentes começam a ter espaço político e assumem uma posição cada vez mais livre para mostrar suas particularidades em relação ao imperialismo europeu, como Bonnici conjectura:

Admitir-se-ia, então, que as literaturas dos povos independentes estariam livres das manipulações coloniais que as degradaram e que daqui por diante teriam posição estética própria. (BONNICI, 2005).

Os colonizadores europeus instituíram como norma, nas agremiações colonizadas, seus valores religiosos, culturais e sociais como absolutos. O imperialismo é praticado com táticas com objetivo de ainda mais poder econômico sobre as colônias - que se submetem ao domínio europeu. Esse caminho usa a aparente aceitação da classe dominante pela classe subalterna para envolver outras classes sociais e, gradativamente, dominá-las pelo imperialismo.

O discurso é uma ferramenta de persuasão e por isso mesmo, poderosa: capaz de controlar desde a maneira de pensar até a maneira de agir das pessoas, como menciona Foucault: “o discurso reforça o poder e, ao mesmo tempo, o subverte” (apud BONNICI, 2003). Nota-se que a intervenção do discurso seja muito presente na colonização, em que muitas pessoas são podadas em seus comportamentos - e em consequência aceitam o discurso do colonizador que já as controla - pois ocupam lugar de menos importância perante os colonizadores. Colonizados associados à mão-de-obra, não raro, a história universal mostra, que são subjugados dentro de suas próprias terras - como ocorre com Sexta-Feira. Contudo, a influência do discurso submete-se a alterações. Consequência disso é a aversão da visão em que a Europa é o centro do desenvolvimento mundial, e no transcorrer, em um discurso pós-colonial que se edifica com alternativas textuais para contrastar a forte presença do discurso dominante.

A literatura europeia persuade os colonizados por meio de textos que ascendem a importância cultural além de intelectual sobre outras nações. Através dessas narrativas literárias o poder eurocêntrico é formado como modelo a ser seguido (BONNICI, 2005). Em contraste às normas do domínio colonial, desponta a literatura pós-colonial: a voz ignorada pelos colonizadores. “Portanto, a escrita pós-colonial inverte o sistema eurocêntrico de valores e faz perceber a história e a sociedade a partir da perspectiva daquelas vozes que foram silenciadas ou excluídas” (BONNICI, 2005). Tal literatura fala de fatos presentes nos territórios colonizados direta e indiretamente dos povoamentos que foram subjugadas suas identidades e tiveram influência no modo de viver conforme o que era ditado pelos colonizadores. A literatura pós-colonial apresenta-se como veículo de independência política no momento em que os dominados seguem, contra a própria vontade, os ditames europeus e notam que podem utilizar mecanismos, como, por exemplo, a linguagem dessa cultura, para contrapor às ideias da literatura europeia (ASHCROFT, 2000).

Através da língua dominante (europeia), o colonizado verbaliza sua inconformidade e ânsia de resistir aos discursos dominantes. A expressão do colonizado é afetada pela “mímica”, no momento em que ele usa o que lhe foi imposto para expor uma nova visão de mundo, já que tem os conhecimentos sobre realidades culturais

distintas. (BONNICI, 2005). Assim, na teoria pós-colonial, também existe a possibilidade de refletir sobre o fato de a cultura pré-colonial ter sido fortemente dominada pelas ideologias e universo do colonizador, que determinou a identidade e objetificou os dominados, classificou-nos como inferiores por até então terem uma rotina de vida diferente do que a Europa defendia como ideal. Vê-se que a Europa, colonizadora, assumiu um papel poderoso sobre as colônias que dominava e logo delimitou as normas aos colonizados: “O outro é o excluído que começa a existir pelo poder do discurso colonial.” (BONNICI, 2005). Logo, percebe-se que o colonizado passa a ser visto de uma maneira adversa da sua essência depois do contato com o colonizador - que constrói e intensifica as diferenças entre ambos.

A literatura pós-colonial apresenta textos criados pelos ignorados, pelos que foram obrigados a se submeter a (trans)formação da própria identidade pelo colonialismo, e como forma de lutar por seus direitos e requerer a mudança desta situação, contam situações vividas durante e depois da colonização. As obras podem descortinar experiências variadas dos colonizados, bem como os caminhos adotados para resistir a tanto sofrimento, além da revolta ao discurso europeu, com base em seu posicionamento sobre a colonização - ferramenta para denunciar as maneiras utilizadas para fortalecer a condição de inferioridade do colonizado. Uma das maneiras de inferiorização que ainda acontece com relação a várias pessoas - devido a diversos preconceitos - é o que se conhece por objetificação.

A Objetificação

É possível pensar que o distanciamento instaurado entre os brancos e os indígenas adveio do discurso criado pelos europeus, originando a posição de superioridade, destinada ao colonizador, e de inferioridade, referente ao colonizado, a partir da colonização (ASHCROFT, 2000). O discurso usado para construir tal diferenciação, parece ter ainda repercussão - porém, atualmente, relaciona-se nele além do negro, o aborígine, bem como a depreciação pela identidade, pelo nível cultural e intelectual, bem como pelos aspectos físicos de ambos.

A contraposição mencionada aqui pode ser considerada como objetificação, ou melhor, como discriminação sobre os indivíduos pós-coloniais através do estabelecimento de estereótipos e da atribuição de características negativas sobre eles. A raça parece ser, ainda, o aspecto preponderante para o crescimento do preconceito. A origem indígena, infelizmente, parece ser sinônima de alguém que não merece ascender socialmente, já que desde tempos remotos esteve diretamente ligada à escravidão. Além disso, existe a ideia de que fazer parte do povo indígena identifica quem está, de algum modo, destinado a cometer atos ilícitos e violentos. Pensamentos como estes são o que, em muitos momentos, deixam a população nativa à margem da sociedade, impossibilitando-os de pleitear equanimemente, por exemplo, uma vaga de emprego ao lado de alguém branco. Além disso, existe o preconceito quando o colonizador, ao escravizar o indivíduo de nacionalidade diversa da dele, fala que ele é preguiçoso, não é dedicado ao trabalho, “mas isso não era preguiça, e sim uma resistência, uma rebelião

diante do trabalho desumano, forçado e sem remuneração, em revolta passiva.” (MUNANGA, 1988).

A definição do estereótipo foi a forma adotada para objetificar os sujeitos colonizados na pós-colonização, sendo eles relacionados a preguiçosos, aculturais, selvagens, como o próprio Crusóé pensa, antes mesmo de ter contato com Sexta-Feira, na narrativa - selvagens, analfabetos e com um idioma nativo sem importância. De acordo com Munanga: “Sexualidade, nudez, feiura, preguiça e indolência constituem temas-chave da descrição do negro na literatura científica da época.” (1988).

Há que se considerar, a partir das palavras de Munanga e ao mesmo tempo mirando a narrativa de Robinson Crusóé, a personagem protagonista torna nítido o modo com que o europeu vê quem não é europeu: de forma preconceituosa, pejorativa, racista, cristocêntrico. Mesmo se tratando de uma ficção, essa narrativa apresenta tal aspecto de maneira muito próxima da realidade.

Assim, essa imagem errônea já elaborada sobre o indígena, foi, constantemente, mencionada por colonizadores de gerações seguintes, que o próprio sujeito colonizado passou a acreditar-se inferior (BONNICI, 2005). Originou-se, de maneira ainda mais concreta, o distanciamento entre o europeu (colonizador) e o não-europeu (colonizado). O não-europeu, então, marginalizado, discriminado pela cor da pele, pelo cabelo diferente e por sua cultura sem importância - por não ser branco. Já o europeu, alguém idealizado e imune de defeitos - por ser branco.

Outra maneira de discriminar é no que tange à civilização. O não-europeu não era aceito de maneira respeitosa. Assim, ele se convenciu de que não tinha cultura, de que seu idioma não era correto e de que ele necessitava de uma crença - pela sua ser ignorada (TODOROV, 1999). As missões cristãs tinham interesse lucrativo, e por tal razão, inculcavam a religião cristã aos sujeitos colonizados como alternativa de poder sobre eles, bem como um meio de esconder o interesse pelas riquezas naturais que a terra colonizada possuía, como afirma Bonnici: “A missão civilizacional é a convicção de que certas nações tinham uma vocação para civilizar outros povos encontrados em estágios supostamente inferiores de desenvolvimento”. (2005).

Todas as opções usufruídas pelos colonizadores, conforme Munanga: “utilizando-se de mecanismos repressivos diretos (força bruta) e indiretos (preconceitos raciais e outros estereótipos)” (1988), resultaram nos nativos acreditando que eram inferiores e por isso, conseqüentemente, apareceu a aparente aceitação da colonização, já que todo de origem da cultura branca era válido - quando na verdade, tudo que vinha do branco ocultava a real intenção deles sobre o território dos nativos.

A discordância entre os costumes dos colonizados e dos colonizadores, em essência, pode não ser a raiz da objetificação. O que pode ser o ponto de origem é o discurso discriminatório que mostra como “errado” tudo que está relacionado ao colonizado - o ser inferior. Assim, aos olhos do europeu, ele detém uma importância, ou ainda, status, que falta ao não-europeu. E este, por não ter importância aparente, passa, inconscientemente, a valorizar o europeu - vendo-o como alguém superior, que

realmente tem o que lhe ensinar. Para Bhabha: “Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem indígena e nesse ato de violência epistemológica, seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado.” (1998).

A intenção de alterar a identidade do nativo em alguém inferior e por isso, merecedor de punições ou ensinamentos para moldá-lo acontece quando os europeus notam que as colônias seriam “como fonte de matérias-primas que sustentariam por muito tempo o poder central da metrópole” (BONNICI, 2003). Assim, há a incorporação das missões civilizadoras para sujeitar o colonizado e, quando isso não funcionava, a outra maneira a ser usada era a força bruta, já que “O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura.” (BONNICI, 2003).

Mesmo com a imagem castigada pelo colonizador, tanto o negro quanto o aborígine carregaram esta posição depreciativa também nas narrativas literárias. Como já mencionado, na colonização, o indivíduo pós-colonial excluído é atingido pela fala afrontosa do colonizador, por falta de mecanismos para tornar o discurso contra-hegemônico, resiste, a seu modo, a identidade sugerida pelo europeu:

A pele, como o significante chave da diferença cultural e racial no estereótipo, é o mais visível dos fetiches, reconhecido como “reconhecimento geral” em uma série de discursos culturais, políticos e históricos, e representa um papel público no drama racial que é encenado todos os dias nas sociedades coloniais. (BHABHA, 1998).

Nas narrativas infantis, os brancos são apresentados como heróis e os negros, como aqueles que prejudicam o andamento dos fatos. Na atualidade, pode-se ver tal distinção em algumas produções nas telas, como por exemplo, na telenovela “A favorita”, que está reprisando no horário de Vale a Pena Ver de Novo. Ali, aparece um político nativo como sinônimo de corrupção - mesmo que ele não faça parte do grupo acultural e pobre; mas, percebe-se que existem aspectos negativos na construção da personagem. No percurso da reflexão aqui exposta, a narrativa em foco, *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, apresenta em que patamar é colocado o indígena em relação ao branco - objetificação do nativo pelo branco nesta obra ficcional.

A objetificação em Robinson Crusóé

Daniel Defoe (1660-1731), romancista inglês e escritor político, bem como escritor ficcional. Mesmo sendo membro de uma família pertencente à Igreja Anglicana, não seguiu no caminho religioso. Sua juventude foi marcada por várias aventuras comerciais, como também por atração pela política. Sua obra mais conhecida é “Robinson Crusóé”, de 1719, que o tornou imortal. (BURGESS, 2003).

“Robinson Crusóé” é uma narrativa que apresenta um processo de objetificação do indivíduo pós-colonial através da fala europeia que inferioriza o nativo. Tal romance mostra fatos sobre Robinson Crusóé, que tem seu navio naufragado e passa 28 anos em uma ilha, localizada na região de Trinidad e Tobago. Neste lugar, ele conta o que fez para sobreviver, bem como seu encontro com canibais - moradores de ilhas próximas. Ao

salvar da morte um dos canibais, passa a chamá-lo de Sexta-Feira, que passa a ser seu escravo. Tempos depois, é resgatado e volta à Inglaterra.

Percebe-se, desde o início, o preconceito que Robinson mostra sobre moradores vizinhos da ilha para onde vai: são os indígenas da região. Mesmo antes de se perder na ilha, ele já é preconceituoso. Em suas falas, nota-se que o europeu é melhor em relação ao não-europeu que não faz parte da sua cultura - fato que se concretiza em uma de suas viagens aventureiras. Crusóe convida um mouro chamado Xuri, para fugir da tripulação a qual fazia parte e o persuade ao dizer que se for fiel, fará dele um grande homem - o que desconsidera sua identidade própria:

Eu podia ter concordado em levar o Mouro comigo e afogado o rapaz, mas não podia me arriscar a confiar nele. Depois que ele desapareceu virei-me para o rapaz, que todos chamavam de Xuri, e disse a ele, “Xuri, se você me for fiel, farei um grande homem de você; mas, se você não bater em seu próprio rosto jurando que só me dirá a verdade, ou seja, não jurar por Maomé e pela barba do pai do Profeta, também vou lançá-lo ao mar”. O rapaz sorriu para mim, e falou com tamanha inocência que não tive como desconfiar dele; jurou que me seria fiel e correria o mundo inteiro comigo. (DEFOE, 2000).

Mas, ao ser convidado por outra tripulação, Robinson entrega Xuri como se entrega um objeto qualquer. Em troca, diz ao capitão que deve libertá-lo em 10 anos, caso se torne cristão:

Ofereceu-me ainda mais sessenta duros por meu rapaz Xuri, que relutei em aceitar: não que não concordasse que o Capitão ficasse com ele, mas porque hesitei muito em vender a liberdade do pobre rapaz, que me ajudou com tanta lealdade a conquistar a minha própria. Contudo, quando transmiti meus motivos ao Capitão, ele concedeu que eram justos e me ofereceu um meio-termo: que ele assumiria diante do rapaz a obrigação de dar-lhe a alforria dentro de dez anos, se ele se tornasse Cristão. Diante disso, como Xuri concordava em ir para ele, deixei que passasse a ser do Capitão. (DEFOE, 2000)

No trecho acima, também se observa a posição de inferioridade que Xuri acredita ser a correta para ele. Concorda em ir com o capitão, mesmo sabendo que ele está sendo negociado tal qual o barco que Crusóe deixa a cargo do capitão pagar quanto acha que ele vale. Além disso, vê-se que Crusóe não respeita os negros como seres humanos, considera-os como objeto, mercadoria - que é uma forma de enfatizar a diferença de posição entre ambos. Ao perceber o distanciamento entre o branco e o negro, nota-se que Crusóe é europeu, tem a pele branca, é cristão, ou seja, possuidor de características daqueles que, historicamente, desvalorizavam todo indivíduo que se apresentasse diferente disso. É possível perceber que teóricos como Bonnici (2005), visualizam a posição de colonizador e colonizado como “A identidade e a diferença que operam na base de incluir e excluir, marcando fronteiras entre ‘nós’ e ‘eles’, os quais como afirma Spivak (1985), são a posição do sujeito marcada pela hegemonia.

Robinson apresenta atitudes de superioridade e mesmo quando se perde na ilha o pensamento de ser o centro das atenções não é eliminado. Ao ver que pode haver mais pessoas na ilha, em seus monólogos, considera-os como selvagens: “Entretanto, tomei tamanho horror àqueles infames, selvagens... Ganhei tal aversão àquelas criaturas infernais...” (DEFOE, 2000).

Num dado momento, os canibais decidem fazer um ritual no espaço da ilha o qual Crusoé estava. Apesar de ficar preocupado, salva um prisioneiro que seria sacrificado pelo grupo. Neste momento, torna tal vítima em escravo e ao mesmo tempo, companheiro. Não raro, Crusoé reclama em suas anotações do diário que sente falta da companhia de alguém, de conversar. Quando o salvamento acontece, seu desejo é atendido: já não está mais sozinho.

Mesmo sem entender o idioma do nativo, Robinson se comunica com ele por gestos e a gratidão do aborígine - que recebe o nome de Sexta-Feira. Nota-se que o nome atribuído ao nativo não é comum a seres humanos, então, está concretizada aí mais uma forma de objetificação do indígena, pois marca o dia da semana em que ambos se encontram: “Ensinei-lhe, antes do mais, que seu nome seria Sexta-Feira, dia em que o salvara.” (DEFOE, 2000).

Os ocupantes das ilhas vizinhas a que Crusoé estava eram canibais - a quem ele chamava de selvagens. Num dado dia, Robinson vê crânios e ossos espalhados na praia - o que o deixa com medo. Pensa que sua vida estava em risco. Assim, fala como reagiu ao presenciar tal fato:

Foi tal meu espanto à vista dessas coisas que durante bastante tempo não tive nenhuma ideia de perigo. Fiquei completamente absorto a pensar naquela orgia de bestial e diabólica crueldade e nos horrores da degenerescência humana. Embora já tivesse ouvido falar no fato muitas vezes, nunca estivera tão perto de presenciá-lo. Cheio de náuseas, voltei o rosto para fugir àquele horrível espetáculo. Estava a ponto de desfalecer quando me pus a vomitar violentamente. Fiquei um tanto aliviado, mas não consegui permanecer mais no local um só minuto. (DEFOE, 2000).

A cultura da origem de Sexta-Feira é reprovada por Crusoé - preconceituoso a rituais antropofágicos pois os considera desumanos e cruéis. Chega a agradecer a Deus por não pertencer a um grupo de “selvagens” “...dei graças a Deus por me ter feito nascer em uma parte do mundo onde não me misturava àquelas terríveis criaturas.” (p. 124). Robinson vê de maneira subalterna tudo que se difere dele, não entende, nem tenta respeitar: apenas julga, condena. Vê-se que seu julgamento é tão forte, fazendo-o permanecer lembrando da situação que presenciara:

Entretanto, tomei tamanho horror àqueles infames selvagens e ao miserável e inumano costume de devorar carne humana que, depois disso, passei quase dois anos pensativo e triste, dentro de meus domínios. (DEFOE, 2000).

Robinson tem repulsa à antropofagia e ensina Sexta-Feira a não ser mais canibal: “Pensei em fazer Sexta-Feira saborear carne que não a humana a fim de arrancá-lo ao horrível hábito da antropofagia.” (DEFOE, 2000). Nota-se que Crusoé não compreende os

rituais que fazem parte da cultura de Sexta-Feira, já que não fazem parte dos seus. Contudo, mesmo que Crusóe considerasse abominável o canibalismo, seu comportamento sobre o que vê é contraditório, pois em seguida faz um plano para matar os canibais. Assim, é possível se questionar: O que é humano? O que é desumano? Os canibais matam na batalha como ritual de vitória sobre o grupo inimigo ou, o europeu que mata só por não concordar com o canibalismo? “Não pensava em outra coisa, dia e noite, senão na maneira de exterminar alguns daqueles monstros quando empenhados no festim sangrento.” (DEFOE, 2000). Será que a raiva que Crusóe sente diante do canibalismo não é a mesma, ou muito próxima, da raiva que os canibais sentem ao ver o grupo inimigo?

Crusóe segue inferiorizando Sexta-Feira. Ele “ensina” ao colonizado a língua europeia. Contudo, não seria o inverso a prevalecer? Já que Robinson que invadiu o território de Sexta-Feira? Concretiza-se, no comportamento da protagonista, a colocação do europeu como centro de tudo na ilha e quem não se adapta é Sexta-Feira, por isso, considerado inferior. No correr da narrativa, Crusóe não se esforça para aprender o idioma de Sexta-Feira, já que a seu ver, o idioma que deve ser usado para a comunicação é o seu. Para Bonnici (2005), a língua do colonizador é a herança mais difundida na era colonial, com repercussões até a contemporaneidade. Realmente, ao se pensar na atualidade, a Língua Inglesa - idioma nativo de Crusóe - tem grande extensão em países que falam a língua espanhola, francesa, portuguesa, entre outros. Evidentemente, a língua num país colonizado transcende a função comunicativa do discurso e adquire um significado profundamente cultural, Bonnici (2005). Ngugi Wa Thiongo (1995), escreve que a língua carrega a cultura; mais, através da oratura e da literatura, a cultura carrega os valores pelos quais nós conhecemos a nós mesmos e nosso lugar no mundo. Para Spivak, fazer-se compreender pela língua do outro, é um desafio, já que se trata de algo árduo pois se “tem por ofício o papel desconcertante de fazer falar o texto de outrem, em um constante processo de adiamentos, aproximações e, sobretudo, negociações” (2010). As negociações de que trata a autora, podem ser pensadas na obra aqui pensada, como o que Crusóe define a ser feito na pequena ilha, tanto por ele mesmo quanto por Sexta-Feira.

Ao falar sobre Sexta-Feira, Crusóe diz que:

Era um belo tipo, elegante, bem proporcionado, alto, robusto e, segundo me pareceu, de uns vinte e seis anos de idade. Tinha aspecto agradável e não feroz ou brutal. A fisionomia era varonil, embora não lhe faltasse a doçura e a suavidade do semblante europeu, máxime quando sorria. Os cabelos eram compridos e pretos, e não crespos como lã de carneiro. A fronte era alta e larga, os olhos vivos e penetrantes. A pele não era negra retinta, porém, acobreada, mas não daquele horrível acobreado, amarelecido, e nojento, dos índios do Brasil, da Virgínia e de outras regiões da América. Era um tom azeitonado, brilhante, muito agradável, ainda que difícil de descrever. O rosto era redondo e cheio, o nariz pequeno e não achatado como o dos negros. A boca era muito bem feita, tinha os lábios finos e os dentes bonitos, regulares, alvos como marfim. (DEFOE, 2000).

Vê-se, claramente, no discurso de Crusoé, o preconceito sobre Sexta-Feira, especialmente no que tange ao Brasil, Virgínia e Américas. Ao versar sobre a aparência de Sexta-Feira, Robinson não o ignora totalmente já que sua fisionomia parece com a dos traços europeus que são vistos como bonitos, perfeitos. Se Sexta-Feira não tivesse esta feição, talvez Crusoé o tratasse com ainda mais descaso - como quando fala das Américas. É a objetificação do indivíduo pós-colonial, considerado diferente e inferior, novamente, por não fazer parte dos padrões europeus.

No desenvolvimento da obra, as palavras de Crusoé sobre Sexta-Feira são sempre negativas - apresentam o nativo como inferior. O preconceito que a protagonista tem com relação à Sexta-Feira acontece por vários aspectos, tal qual a cor, crença, nudez, forma de viver. “Ensinei-lhe, também, a dizer ‘Senhor’ e, em seguida, dei-lhe a conhecer que esse seria meu nome” (DEFOE, 2000). Robinson quer “ensinar” a Sexta-Feira tudo que diz respeito à civilização, mostrando-se superior por ter um modo de vida diferente, por se vestir, por ler a Bíblia. No entanto, esquece que o nativo já tem seus costumes, sua religião, sua maneira de viver e não sente necessidade de receber ensinamentos sobre outra forma de vida que lhe é estranha, adversa. É possível notar que o colonizador, na posição de Robinson, não aceita a cultura do colonizado, no caso, Sexta-Feira, e tenta ignorá-la a ponto de extingui-la por completo.

Crusoé faz parte de uma religião cristã e tenta ensiná-la como a verdadeira, única vertente religiosa a Sexta-Feira. O deus de Sexta-Feira, é “Benamuque”, porém, depreciado por Crusoé - que apresenta uma equiparação entre seu Deus e o deus de Sexta-Feira:

Expliquei-lhe a maneira de orar a Deus, que era capaz de ouvir-nos, mesmo do céu. Um dia, Sexta-Feira, confessou-me que, se o nosso Deus podia ouvir-nos, ainda que vivendo para lá do sol, devia ser um Deus maior que “Benamuque”, o qual vivia, apenas, um pouco além, e, assim mesmo, só os podia ouvir quando subiam às grandes montanhas, onde ele vivia. (DEFOE, 2000).

No trecho acima, percebe-se que Sexta-Feira é convencido pela fala de Crusoé, de que seu deus é inferior, passa a crer que só o deus de Robinson é o verdadeiro. Esta persuasão é tal qual a utilizada pela missão civilizadora: trazer os nativos para a religião cristã, pois só através dela eles seriam salvos.

Crusoé ensina Sexta-Feira a usar arma de fogo - o que ele nunca tinha visto. Observa-se nisso um ar de superioridade, visto que Sexta-Feira é ignorante sobre tal ferramenta, também: “Entrementes, sabedor da completa ignorância de Sexta-Feira relativamente à espingarda, aproveitei o momento para carrega-la de novo, sem que ele visse.” (DEFOE, 2000).

O comportamento de Sexta-Feira, em copiar hábitos de Crusoé, ocorre porque, conforme Bonnici (2005), a mímica, portanto, produz uma racha na certeza imperial de que a dominação colonial mantém completo domínio sobre o colonizado. Existe, então, a tentativa do colonizado se aproximar do colonizador pela imitação de ações vistas por

aquele - que parece pensar sobre a necessidade de aprender comportamentos típicos da cultura a qual o colonizador faz parte.

No momento em que Crusóe decide ter uma companhia, parece pensar num escravo, e é Sexta-Feira que ocupa este lugar. Robinson se aproveita do nativo - que tem boas intenções - e mesmo trabalhando para pagar sua vida que foi poupada, Crusóe usa as capacidades de Sexta-Feira para a construção de trabalhos pesados: “Em pouco tempo, Sexta-Feira tornou-se capaz de fazer todo o serviço para mim, tão bem quanto eu próprio.” (DEFOE, 2000). Nem ao reconhecer as habilidades do nativo, Crusóe deixa para trás o ar de superioridade sobre ele.

Mesmo que em alguns momentos, Crusóe se refira a Sexta-Feira como amigo, também se refere a ele como selvagem e bugre: “Coisas que me ocorriam naturalmente, na faia de ensinar ao pobre selvagem. [...] Dessarte, fosse qual fosse o comportamento do desgraçado bugre, teria razões de sobra para agradecer e tê-lo encontrado.” (DEFOE, 2000). Ilustra-se, aí, uma relação hierárquica: ao mesmo tempo em que Crusóe é grato pela companhia do nativo, deixa claro que ele é superior. Depois de algum tempo, os canibais voltam à ilha para fazer outro ritual, e é nesse que o pai de Sexta-Feira e um espanhol são resgatados, e todos ocupam a posição de escravos de Crusóe - que se sente como um rei: “Pensava muitas vezes, e tinha prazer nisso, em que me parecia muito com um rei... Era o senhor absoluto, a origem da lei. Todos me deviam a vida e estavam prontos a morrer por mim, se se apresentasse a ocasião.” (DEFOE, 2000). Crusóe se coloca no centro de tudo na ilha, e os demais, como são vistos de maneira inferior, permanecem à margem, aos seus serviços.

A preocupação de mudar os hábitos de Sexta-Feira tem êxito: ele aprende o idioma do europeu. Passa a crer no Deus cristão. Não anda mais nu. Aprende a trabalhar. Ele, por fim, é “educado”. O vínculo entre Crusóe e Sexta-Feira chega ao fim numa das viagens que tem o Brasil como destino. Sexta-Feira é morto pelos aborígenes na navegação. Em seguida, parece que Robinson fica triste pelo fato de perder um amigo, na verdade, um escravo confiável, mas depois, percebe-se que Sexta-Feira é deixado de lado, sua perda não é mais mencionada com tanta tristeza:

Fiel e infeliz Sexta-Feira! Eu quis que ele fosse sepultado de um modo conveniente e com toda a solenidade possível. Foi metido em um caixão e lançado ao mar; depois, mandei disparar onze tiros de canhão em sua honra. Assim prestei minha homenagem póstuma ao mais honrado, ao mais legal, ao mais grato, ao mais querido servidor que algum dia passou por este mundo... (DEFOE, 2000, p. 299).

No excerto acima, não há como saber se Sexta-Feira seria um amigo ou apenas um escravo, para Crusóe. No entanto, em muitas situações é possível ver falas da protagonista no sentido de objetificar Sexta-Feira, de inferioriza-lo. Robinson invade a terra, nega os costumes e a vida de Sexta-Feira.

Assim, nota-se neste estudo, que o comportamento de Crusóe se encaixa à ideia de Torodov (1999), quando este diz que “o desejo de enriquecer não é, evidentemente, novo, a paixão pelo ouro nada tem de especificamente moderno. O que é um tanto

moderno, é a subordinação de todos os outros valores a esse”. O conquistador, ou seja, a protagonista, parece colocar posição social, posses materiais, situação de sua própria vida, acima de questões que permeiam as relações humanas, como respeito, empatia, reconhecimento da cultura e individualidade alheias. Torna-se claro que para Crusoé, tudo pode ser adquirido com dinheiro, ouro, joias, inclusive a vida humana, conforme Torodov (1999), “não é o equivalente universal de todos os valores materiais, como também a possibilidade de adquirir todos os valores espirituais”.

Considerações finais

Nota-se no presente texto, que na obra “Robinson Crusoé” de Daniel Defoe, há a visão do homem branco num patamar superior: aquele que coloniza o território e o nativo. Na intenção de ilustrar melhor a proposta, adotou-se a teoria, o pensamento, a perspectiva pós-colonial e a ideia de objetificação do ser humano - que clareia a maneira depreciativa que o colonizador usa para tornar o nativo “civilizado”, ou seja, para retirar o colonizado de seu ambiente natural e inseri-lo noutra, ao mesmo tempo em que se desconsidera seu poder de escolha e suas raízes culturais.

Crusoé encontra em Sexta-Feira um ótimo escravo, com condições de fazer tarefas difíceis, e além disso, vê que ele pode ser moldado à cultura europeia. Assim, Crusoé transforma a vida de Sexta-Feira, inverte os valores nos quais o nativo foi criado - tudo porque o branco é superior ao nativo. A relação apresentada na narrativa, infelizmente, é algo já visto: o europeu usa seu discurso para trazer o indígena para sua cultura europeia ao passo em que ignora e silencia gradativamente o nativo enquanto ser humano.

Referências bibliográficas

- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Key Concepts in Post-Colonial studies*. London: Routledge, 2000.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Glaucia Renata Goncalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003. pp. 205-220.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BURGESS, Anthony. *A literatura Inglesa*. 2ª Ed. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 2003.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas Canibais*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoé*. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

- NGUGI, Wa Thiongo. The language of African Literature. In: Ashcroft, B., Griffith, G., Tiffin, H., *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995, pp. 285-290.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VASCONCELOS, Sandra. G. Robinson Crusoe in the South Atlantic. *Aletria: revista de estudos de literatura*. Belo Horizonte: Poslit, Faculdade de Letras da UFMG, v. 31, n. 2, pp. 23-43, 2021.